

significativa redução do risco ao longo do tempo de uso. Em razão da recente pandemia SARS-COV-2, uma maior flexibilização dos hemogramas foi proposta. Uma diretriz recente propôs a realização de hemogramas a cada 3 meses para aqueles em uso de clozapina há mais de 1 ano e que nunca tiveram neutrófilos abaixo de 2000/ $\mu$ L. Existem dois estudos avaliando a população latino americana e nenhum brasileiro quanto ao monitoramento de neutrófilos e uso de clozapina. O HCPA é uma instituição com assistência aos usuários de clozapina desde 1991. Objetivos: Investigar o risco de desenvolver neutropenia grave entre usuários e não usuários de clozapina com contagem de neutrófilos  $\geq$  2000/ $\mu$ L durante o primeiro ano de seguimento. Métodos: Projeto aprovado 2020-0053. Feita a busca eletrônica de hemogramas de pacientes do HCPA que acompanharam em unidades para atendimento de transtornos mentais graves no período de 2005-2020. Feita regressão de Cox em duas análises, sendo o desfecho de ambas neutropenia grave. Na primeira as variáveis utilizadas foram sexo, idade, etnia, uso de clozapina e presença de contagem de neutrófilos  $\geq$  2000/ $\mu$ L no primeiro ano de seguimento. Na segunda foi substituída a variável contagem de neutrófilos, por presença de doença médica grave no momento da neutropenia grave. Resultados: Foram incluídos 5847 pacientes (1038 em uso de clozapina). A presença de contagem de neutrófilos  $\geq$  2000/ $\mu$ L no primeiro ano de seguimento foi significativamente um fator protetor para desenvolver neutropenia grave (hazard-ratio 0.01; IC 0.005-0.02), já a presença de doença médica grave um fator de risco (hazard-ratio 491; IC 237-1020). O uso de clozapina e as outras variáveis não foram significativas em nenhuma das análises. Conclusões: Estes resultados permitem afirmar que o uso de clozapina não aumenta o risco de desenvolver neutropenia grave naqueles que apresentam contagem de neutrófilos  $\geq$  2000/ $\mu$ L no primeiro ano de seguimento, permitindo uma mudança no monitoramento hematológico desta população.

2645

### **GERAÇÃO Y (MILLENNIALS) E Z: DIFERENÇAS EM PSICOPATOLOGIA E ESPESSURA CORTICAL UTILIZANDO MODELOS CONSIDERANDO EFEITOS DE IDADE, PERÍODO E COORTE**

DANIELLE SOARES TEIXEIRA; TAUANA TERRA; GIOVANNI SALUM  
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

#### **INTRODUÇÃO**

Existe uma percepção da sociedade de que as gerações mais novas têm maiores escores de problemas de saúde mental em relação a gerações mais velhas. Contudo, nenhum estudo investigou o efeito das gerações separando-o do efeito da idade e do período de avaliação, nem diferenças na espessura cortical entre gerações.

#### **OBJETIVO**

O objetivo deste estudo é investigar os efeitos de coorte, ajustados para efeitos de idade e período de avaliação, nos escores de psicopatologia e na espessura cortical, por meio de modelos capazes de separar as influências dessas três variáveis relacionadas.

#### **MÉTODOS**

Nossa população consiste na amostra da Coorte de Alto Risco para Transtornos Mentais na Infância. Participaram 2511 crianças e adolescentes na primeira onda (6 a 14 anos), 2009 na segunda, (9 a 18 anos) e 1646 na terceira (13 a 23 anos). Uma subamostra de 737, 462 e 394 possuem dados de imagem em cada uma das ondas, respectivamente. Para psicopatologia, utilizamos o escore total do Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ). Para a espessura cortical, utilizamos dados de ressonância magnética estrutural. Os anos de nascimento foram utilizados para separar dois grupos: geração Y (nascidos em 1996-1999) e geração Z (nascidos em 2000-2004). Com intuito de comparar os efeitos da geração nos desfechos de interesse, ajustando para a idade das coortes e o período de avaliação, nós utilizamos um pareamento por escore de propensão, garantindo que as duas gerações supracitadas teriam a mesma distribuição etária e mesmo período. Após pareados, os grupos foram comparados com modelos lineares mistos, ajustando pelo efeito aleatório do sujeito.

#### **RESULTADOS**

Um total de 395 observações foram incluídas nas comparações entre as gerações após pareamento no escore de propensão. Não houve diferença significativa nos escores de psicopatologia (14.5 vs. 13.6; diferença de médias=-0.94;  $p=0.1$ ) ou na espessura cortical (0.016 vs. 0.015; diferença de médias 0.018,  $p=0.15$ ) entre as gerações Y e X após o pareamento etário e de período de avaliação.

#### **CONCLUSÕES**

Ao contrário do discurso propagado pela mídia leiga de que gerações mais novas teriam maiores níveis de problemas de saúde mental, não houve diferença na psicopatologia entre as gerações após aplicação de métodos apropriados para comparações entre elas. Esses resultados trazem implicações sociais quanto ao discurso sobre saúde mental em jovens na última década e quanto ao impacto deste discurso sobre esta população.

2769

### **IMPULSIVIDADE EM USUÁRIOS DE SUBSTÂNCIAS DE ACORDO COM O PERFIL LEGAL NO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL**

ESTHER HERNÁNDEZ FANTIN; FELIPE ORNELL; DANIELA BENZANO; HELLEN JORDAN MARTINS FREITAS; ELLEN MELLO BORGONHI; JULIANA NICTERWITZ SCHERER; FELIX HENRIQUE PAIM KESSLER; FLAVIO PECHANESKY; JAQUELINE BOHRER SCHUCH; LISIA VON DIEMEN  
HCPA - Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Introdução: A impulsividade está associada a condutas de risco para com si mesmo como para com a sociedade, podendo facilitar a experimentação de drogas e o envolvimento com atividades ilícitas. Estudos prévios demonstraram que usuários de substâncias psicoativas (SPA) podem apresentar índices de impulsividade superiores à população geral, porém, não há estudos brasileiros comparando escores de impulsividade entre usuários de SPA com e sem histórico criminal.

Objetivo: Avaliar se a impulsividade e a precocidade do início do uso de substâncias diferem entre pacientes com transtorno por uso de substância com e sem aprisionamento ou detenção prévia.

Método: 784 homens, com diagnóstico de transtorno por uso de substâncias, foram recrutados em uma unidade de tratamento de dependência química. Os escores de impulsividade foram avaliados pela BIS-11 e informações sobre drogas de abuso e aprisionamento foram obtidas pelo Addiction Severity Index 6 (ASI-6). Os indivíduos foram divididos em dois grupos, com e sem aprisionamento ou detenção prévia. Teste t de Student e Mann Whitney foram utilizados para a análise de variáveis contínuas entre os grupos com e sem detenção, e o teste Qui-quadrado para variáveis categóricas. O nível de significância adotado foi de 5%.

Resultados: A amostra foi composta predominantemente por adultos jovens (média de 41 anos), com baixa escolaridade (até ensino fundamental 47,5%), sem companheiro(a) (76,8%) e desempregados (64,9%). O histórico prisional foi verificado em 58,3 %, sendo que este grupo apresentou maiores índices de impulsividade total ( $76,0 \pm 11,0$ ;  $p < 0,001$ ), motora ( $25,5 \pm 5,1$ ;  $p < 0,001$ ) e não planejada ( $29,3 \pm 5,6$ ;  $< 0,001$ ) comparado ao grupo sem detenção prévia ( $70,8 \pm 11,4$ ;  $23,7 \pm 5,2$ ; e  $26,7 \pm 5,6$  respectivamente). Ainda, observou-se que a passagem pela prisão foi associada ao uso mais precoce de álcool ( $p < 0,001$ ) e maconha ( $p = 0,012$ ).

Conclusão: Este é o primeiro estudo brasileiro a investigar a impulsividade em usuários de drogas a partir do recorte de envolvimento criminal. Estudos prévios já demonstraram que usuários de drogas tenham mais impulsividade do que a população geral, mas é possível que exista um subgrupo com impulsividade ainda mais acentuada, podendo ser precedente ao uso de drogas e de atividades ilegais. A identificação deste subgrupo é importante para o desenvolvimento de estratégias de prevenção e tratamento, envolvendo tanto a área da saúde quanto da segurança pública.

**3103**

### **IMPACTO DO SUICÍDIO NO PROCESSO DE LUTO: ESTUDO QUALITATIVO SOBRE EXPERIÊNCIAS TRAUMÁTICAS APÓS O SUICÍDIO DE UM MEMBRO DA FAMÍLIA**

JÉSSICA LEANDRA GONÇALVES DA SILVA; CAROLINA STOPINSKI PADOAN ; JULIA CAMARGO CONTESSA; PEDRO VIEIRA DA SILVA MAGALHÃES

HCPA - Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Introdução: O luto após o suicídio pode apresentar características clínicas observadas no Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) devido à natureza súbita, violenta e inesperada da morte. Ao ser executado este trabalho com famílias enlutadas em um estudo maior sobre suicídio, foi possível descrever como vários fatores de risco estabelecidos para o início e persistência de TEPT podem convergir em sobreviventes de suicídio devido à natureza deste como um evento traumático. Objetivo: Fornecer maneiras de entender melhor o caminho que liga o trauma (exposição ao suicídio) ao início da doença, descobrindo como características específicas desse processo evoluem para a doença mental, para garantir o suporte adequado aos sobreviventes.

Métodos: Foram entrevistados 37 familiares de pessoas que morreram por suicídio, com idades variando de 26 a 74 anos. Foi realizado um estudo qualitativo com entrevistas em profundidade, sendo propostas perguntas abertas sobre o impacto do processo de perda e luto para possibilitar maior contato com a experiência dos sobreviventes. Protocolo de entrevista contemplado: notificação do suicídio, impacto na família e no indivíduo e construção de significados.

Resultados: A maioria dos participantes relatou altos níveis de discordância e culpa, fatores que causam mais sofrimento e os colocam em maior risco de TEPT. Vimos que memórias vívidas e perturbadoras estiveram muito presentes nas narrativas. O medo de que outro suicídio de um ente querido pudesse ocorrer também foi uma consequência inquietante para os sobreviventes, associada à hipervigilância, ansiedade e dificuldade de sentir sentimentos positivos. Envolvimento em comportamento de risco, ideação suicida e risco agudo de suicídio foram detectados em membros da família afetados por uma perda por suicídio. Os sintomas físicos mais mencionados foram variação problemática de peso, dificuldade para dormir, dores musculares e alterações da pressão arterial.

Conclusão: Pessoas desafiadas pelo suicídio de um ente querido juntamente com as circunstâncias de violência e imprevisibilidade do evento estão em risco de aparecimento de TEPT. Vários fatores no domínio do apoio social, como estigma, falta de respostas positivas e isolamento, podem então levar à manutenção desses sintomas. Mesmo que o tratamento seja frequentemente implementado, o diagnóstico de TEPT pode ser perdido, complicando ainda mais o enfrentamento e o tratamento.

Palavras-chaves: luto, suicídio, familiares.

## **REUMATOLOGIA**

**2044**

### **RESPOSTA DO FATOR NEUROTROFICO DERIVADO DO CÉREBRO (BDNF) APÓS O USO DE BAIXAS DOSES DE NALTREXONA (LDN) E ELETROESTIMULAÇÃO TRANSCRANIANA DE CORRENTE CONTÍNUA (ETCC) EM PACIENTES COM FIBROMIALGIA**

MARIANE SCHÄFFER CASTRO; RODRIGO HERNANDES PALUDO; IRACI LUCENA DA SILVA TORRES; WOLNEI CAUMO; FELIPE FREGNI; LICIANE FERNANDES MEDEIROS; ANDRESSA DE SOUZA

UNILASALLE - Universidade La Salle

Introdução: A fibromialgia (FM) é uma síndrome de dor musculoesquelética crônica generalizada, caracterizada por alodínia e hiperalgesia. Nesse contexto, estudos demonstraram que o uso de Baixas Doses de Naltrexona (LDN) foi capaz de aumentar o limiar de dor de pacientes com fibromialgia. Além disso, terapias não-farmacológicas, como a Eletroestimulação